

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS- UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

CAMILA CRISTINA MACHADO

**O ATELIÊ SE ESPARRAMANDO NA ESCOLA:
UMA VISÃO DA PEDAGOGIA ITALIANA DE REGGIO EMILIA.**

SÃO LEOPOLDO

2016

Camila Cristina Machado

**O ATELIÊ SE ESPARRAMANDO NA ESCOLA:
UMA VISÃO DA PEDAGOGIA ITALIANA DE REGGIO EMILIA.**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Especialização apresentado como requisito
parcial para obtenção do título de Especialista
em Educação Infantil da Universidade do Vale
do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Prof^a Dr^a Marita Martins Redin

São Leopoldo

2016

O ateliê se esparramando na escola: uma visão da pedagogia italiana de Reggio Emilia.

Camila Cristina Machado¹

Marita Martins Redin²

'Temos que nos convencer de que é essencial preservar nas crianças (e em nós mesmos) o sentido de encantamento e surpresa, pois a criatividade, assim como o conhecimento, é filha da surpresa' (GANDINI, 2014).

Resumo

Este artigo apresenta uma pesquisa teórica sobre a proposta italiana do ateliê na escola da infância partindo do estudo e pesquisa do pedagogo italiano Loris Malaguzzi e de seus colegas de trabalho, profissionais da educação e Atelieristas. Para tal finalidade, refletimos sobre a infância italiana, bem como a importância da estética para a mesma, a concepção do ateliê nas escolas de educação infantil de Reggio Emilia, assim como o uso de materiais e dos espaços. Por fim, refletimos sobre a prática pedagógica italiana relacionando para a nossa realidade, que sim, é possível criarmos e darmos vida aos ateliês em nossas escolas.

Palavras-chave: ateliê; infância; estética; Reggio Emilia; materiais; espaços.

1 Infância

Acredito que, para mergulharmos na proposta italiana do ateliê, primeiramente precisamos compreender a concepção de infância que os estudiosos italianos nos trazem.

¹ Graduada em Pedagogia. Acadêmica da Especialização de Educação Infantil na Unisinos/RS. Email: machadocamilaa@gmail.com

² Doutora em Educação. Atua principalmente nos seguintes temas: educação infantil, memória, narrativas e estética. Email: maritam.redin@gmail.com

Ao falar, pesquisar, ler e refletir sobre a infância, é impossível não lembrar a minha. Momento este vivido com muita pureza, felicidade e intensidade.

Ao iniciar a leitura de “Diálogos com Reggio Emilia”, de Carla Rinaldi, deparo-me com a escrita da representante nacional da REDSOLARE Brasil no prólogo:

[...] sonho e cultivo a ideia de escolas de educação infantil do Brasil e do mundo dotadas de princípios ético, estético e político, que reconheçam as crianças como agentes de mudança e transformação e que com elas, efetivamente, estabeleçam relações de confiança para a construção de uma autonomia criativa. [...] (Dourado apud RINALDI, 2014, p.15)

Pensar, antes de qualquer coisa, na criança, na valorização desta no ambiente em que vive, e acima de tudo, acreditar nela, potencializando suas ações e visões. Dourado (2014) afirma também acerca dos espaços educativos para a defesa da infância através de um diálogo verdadeiro, transparente e transformador, conscientes das nossas escolhas e de quanto temos que aprender com as crianças.

Complementando a ideia acima, de acordo com Gandini (2002, p.76), a imagem de criança é fundamental:

Um dos pontos fundamentais da filosofia de Reggio Emilia é a imagem da criança como alguém que experimenta o mundo, que se sente uma parte do mundo desde o momento do nascimento; uma criança que está cheia de curiosidade, cheia de desejo de viver, uma criança que tem muito desejo e grande capacidade de se comunicar desde o início da vida; uma criança que é capaz de criar mapas para sua própria orientação simbólica, afetiva, cognitiva, social e pessoal.

Para a pedagogia italiana, a concepção de criança que está na base das propostas educativas é de uma ‘criança rica’. Para Rinaldi,

[...] uma imagem baseada na compreensão de que todas as crianças são inteligentes, o que quer dizer que todas as crianças atribuem significado ao mundo, num processo constante de construção de conhecimento, identidade e valores. Seguindo essa construção social, luta-se para mostrar as potencialidades de cada criança e para dar a cada uma delas o direito democrático de ser escutada e de ser reconhecida como cidadã na comunidade. (RINALDI, 2014, p.39)

Rinaldi (2014) ainda afirma que a infância não é uma fase apartada da vida ou da identidade humana. A infância é uma metáfora adorável para descrever as possibilidades da humanidade, no entendimento de que a

deixamos existir, de que a reconhecemos e de que cessamos todos os processos de aceleração e imitação que, ao negar a infância, destroem não a infância, mas o homem.

E é com essa visão da pedagogia italiana da 'criança rica' que devemos diariamente nos desafiar e acreditar sim, no potencial de cada uma delas.

2 A importância de uma educação estética para a infância.

A dimensão estética a partir da experiência e concepção reforçada por Redin, (2008 ,p.258, apud Meira 2003), “é de que a estética é a criação contínua de conceitos para explorar o campo do sensível, do gosto, da imaginação, das paixões, das intuições, das emoções, exigindo uma competência sobre tais assuntos, quando se quer aplicá-los a um tema como o da arte”. Portanto a estética está ligada ao modo de nos colocarmos no mundo e á maneira como dele nos apropriamos dando-lhe sentido, questionando práticas guiadas por valores ou padrões que considerem a novidade, as possibilidades de mudança, o inconformismo diante da estagnação.

Para Alfredo Hoyuelos (2006, p.178) a dimensão estética presente no pensamento de Loris Malaguzzi aponta para a “sedução estética” que pode estar presente em todos os processos de conhecimento e não somente nas atividades consideradas de arte. Aponta também que essa sedução estética não se dá somente a nível individual, mas está “em la base de la construcción intersubjetiva del conocimiento y em la relación cultural com el saber”.

Malaguzzi utiliza o termo *ostraneni* de Sklovski (1968) que significa estranhar as coisas familiares, refletir sobre o que estamos vivendo, ou viver a experiência do estrangeiro, ou seja viver perigosamente. Podemos assim comparar esta citação de Malaguzzi com a criança. Que vive diariamente a experiência de ser estrangeira, pois é tudo novidade, desconhecido, cada dia um novo aprendizado, assim como o estrangeiro.

Para Malaguzzi, esse estranhamento que faz parte do processo criativo dos artistas é um princípio e uma estratégia para escutar e desvendar essa estética do conhecer infantil. Por isso surpreendem tanto as apreciações que nascem da escuta das crianças.

Para isso é preciso aprender a escutar. A escuta nos ajuda a entender como as crianças pensam. A escuta nasce de tornar o estranho o familiar, afirma Hoyuelos (2006).

Sabemos que é difícil e ao mesmo tempo desafiador para o educador praticar esta pedagogia da escuta, ter a calma e a paciência necessária para dar voz às crianças. O adulto é ansioso e por vezes não dá este tempo a criança. Escutar é estar alerta para deixar de considerar as coisas como naturais e óbvias.

Que a infância possa ser vivida e pensada “como novidade, como experiência, como descontinuidade, como multiplicidade, como desequilíbrio, como busca de outros territórios, como história sempre nascente, como devir, como possibilidade de pensar o que não se pensa e de ser o que não se é, de estar em outro mundo daquele no qual se está” (KOHAN, 2003, P.248)

É necessário reconhecer o sentido de assombro nos olhos e na expressão facial das crianças. Isso ocorre quando a criança se dá conta de que é autor e protagonista de sua própria aprendizagem.

Essa atitude diante das crianças é que permite uma educação inexplorada, fora dos marcos estabelecido, uma educação que provoque, ao mesmo tempo, tumulto, assombro, admiração e até escândalo, capaz de desocultar, com olhos diferentes, o que sempre parece igual.

Malaguzzi (apud HOYUELOS, 2006, p.146) lembra que “estar com as crianças é estar diante da complexidade, diante de capacidades que estão às vezes, ainda que não necessariamente a espera de ser expressadas através de uma intervenção coerente que possa solicitar a atividade das mãos, do cérebro, da surpresa, o interesse, a atenção, a concentração da criança”.

Fochi (2015) em sua página do blog ‘Catadores da Cultura Infantil’³ nos provoca quanto a sedução estética: “Nas entranhas do pensamento de Loris Malaguzzi, conhecer está relacionado com a dimensão estética. Para o

³ Imagens inspiradoras do blog:

<http://catadoresdaculturainfantil.blogspot.com.br/2015/07/seducao-estetica.html>

pedagogo, a estética é uma condição de estarmos em ressonância com o mundo. Conhecer é esta *vibração estética* da criança com o mundo a sua volta, "é a vibração estética que nos empurra a dar nomes, nomes as figuras e cores, e as figuras e cores que parecem não existir" (MALAGUZZI, 1995, p.83).



A infância, as nossas crianças, que nos impulsionará para falarmos e pensarmos em arte, experiências, vivências, criações, de protagonismo, porque para trabalhar com crianças é necessário lidar com poucas certezas e muitas dúvidas.⁴

⁴ Anotações minhas em aula (Especialização em Educação Infantil na Unisinos) com a Professora Marita Martins Redin, em 27/08/2015.

3 Concepção de Ateliê presente na proposta italiana de Reggio Emilia

Sabe-se que a pequena cidade italiana Reggio Emilia é referência mundial em educação infantil, é reconhecida principalmente pela valorização da criança como sujeito de direitos, competente, potente e produtora de cultura. Há publicações traduzidas nas mais diversas línguas, grupos de estudos anuais para público de educadores e estudiosos do mundo inteiro.

Nas palavras de Rabitti (1999, p. 54) Reggio Emilia “é, sem dúvida, a região italiana que mais espalhou investimentos e que mais se empenhou nas políticas sociais, sobretudo em favor da infância”.

Loris Malaguzzi concebeu a ideia do ateliê com a intenção de gerar uma revolução no ensino e na aprendizagem em escolas para crianças pequenas. (Gandini, 2012).

Não esconderei de você quanta esperança investimos na implementação do ateliê. Sabíamos que seria impossível pedir mais. Ainda assim, se pudéssemos, teríamos ido além, criando uma escola formada inteiramente por laboratórios semelhantes ao ateliê. Teríamos construído um novo tipo de escola, formada por espaços onde as mãos das crianças pudessem estar ativas para fazer confusão. Sem possibilidade de tédio, mãos e mentes se envolveriam em uma grande alegria libertadora, de um modo determinado pela biologia e pela evolução. (Malaguzzi apud GANDINI et al, 2012,p. 17)

A atelierista Gandini (2012) apresenta trechos de uma entrevista que realizou com Malaguzzi, em 1988, esta que por sua vez foi publicada na revista educacional *Bambini*. Ela conta que a linguagem de Malaguzzi é rica, complexa e densa; ela tem muitas camadas de significado.

O ateliê foi estabelecido em 1963, e foi incluído nas escolas para crianças pequenas desde o começo. O ateliê foi embutido diretamente em cada pré-escola e depois, a partir da década de 1970, também em cada creche. (MALAGUZZI apud GANDINI et al, 2012,p.22)

Gandini (2012) afirma que o papel do ateliê, integrado e combinado dentro do arcabouço geral de estratégias de ensino e aprendizagem, foi conceituado como uma resposta ao papel marginal e subsidiário atribuído

normalmente à educação expressiva. Ele também se pretendia como uma reação contra o conceito da educação de crianças pequenas baseada principalmente em palavras e rituais medíocres.

Vecchi em entrevista a Gandini relata o propósito do ateliê, explicando que o ateliê serve a duas funções:

[...] Primeiro, é um espaço que possibilita às crianças encontrar contextos interessantes e atraentes, onde elas podem explorar diversos materiais, assim como técnicas que tenham possibilidades expressivas e combinatórias. Segundo, ele auxilia os adultos a compreender os processos de como as crianças aprendem. Ele ajuda os professores a compreender como as crianças inventam veículos autônomos de liberdade expressiva, liberdade cognitiva, liberdade simbólica e rotas de comunicação. **O ateliê serve para chacoalhar ideias de ensino antiquadas.**[grifo meu] (GANDINI et al, 2016 p.301)

Rinaldi (2014) afirma que o ateliê é um espaço metafórico nas escolas que, como um todo, objetiva apoiar o desenvolvimento da comunicação e das cem linguagens.

[...] Em Reggio Emilia, o ateliê acabou se desenvolvendo cada vez mais como uma metáfora, não para linguagens criativas, mas para uma estratégia de conhecer, uma forma de estruturar o conhecimento e organizar o aprendizado. Não temos as escolas e os ateliês com as cem linguagens como uma espécie de “apêndice removível”. Temos “escolas de investigação”, nas quais o ateliê é um componente essencial, no sentido de que é a essência da escola enquanto investiga. (RINALDI, 2014,p.313)

Nessa perspectiva, Rinaldi (2014) destaca que as cem linguagens da criança não são apenas uma metáfora para dar o crédito às crianças e os adultos pelos cem, pelos mil potenciais criativos e comunicativos. Acrescenta ainda que,

[...] as cem linguagens representam uma estratégia para a construção de conceitos e para a consolidação do entendimento. Acima de tudo, porém, elas são uma afirmação da dignidade e da importância idênticas de todas as linguagens, e não apenas ler, escrever e contar, que se tornaram cada vez mais obviamente necessárias para a construção do conhecimento. (RINALDI, 2014, p.312).

Rinaldi (Apud Gandini, 2012) complementa que “foi na década de 1970 que surgiu a teoria das cem linguagens. Foi então que o ateliê foi declarado um lugar para as cem linguagens: desenho, pintura, escultura, matemática, poesia

– linguagens que dialogam com as diferentes disciplinas e diferentes mundos culturais”.

Gandini (2012), em relação aos princípios e objetivos do ateliê, afirma que dentro do nosso arcabouço de muitas influências culturais e teóricas, tivemos que reinventar o significado original do ateliê. Para nós, o ateliê tinha de se tornar parte de um projeto complexo e, ao mesmo tempo, um espaço adicional para procurar, ou melhor, escavar com as próprias mãos e a própria mente, e para refinar com os próprios olhos, pela prática das artes visuais. Ele tinha que ser um lugar para sensibilizar o gosto e o sentido estético da pessoa, um lugar para a exploração individual de projetos conectados com experiências planejadas nas diferentes salas de aula da escola.

A autora destaca ainda que o ateliê tinha de ser um lugar para pesquisar motivações e teorias das crianças a partir das suas garatujas, um lugar para explorar variações em instrumentos, técnicas e materiais que usamos para trabalhar. Tinha de ser um lugar que favorecesse os itinerários lógicos e criativos das crianças, um lugar para se familiarizar com semelhanças e diferenças entre linguagens verbais e não verbais.

É claro e instigador a potência da criança, do quanto ela é capaz ao ter um adulto que a incentive e a instigue, que deixe a mesma ser a criadora principal, sem a intervenção ou manipulação do professor. Malaguzzi expressava assim a sua ideia:

[...] Devemos dar um imenso crédito ao **potencial e ao poder que as crianças possuem**. Devemos nos convencer de que as crianças, assim como nós, têm poderes mais vigorosos do que nos disseram que tinham poderes que todos nós possuímos – nós e as crianças temos potencial ainda mais forte do que acreditamos. Devemos entender como, sem ao menos perceber, fazemos tão pouco uso do potencial de energia que temos dentro de cada um de nós. (MALAGUZZI APUD RINALDI, 2012, p.107) [grifo meu]

O ateliê é um multiplicador de possibilidades, ampliando a percepção sobre os modos de aprender das crianças. Nas palavras de Vecchi,

[...]incluir um ateliê no currículo escolar e dentro de um contexto cultural que considere as linguagens expressivas tão essenciais [...] pode tornar a experiência da aprendizagem e o processo educacional mais completo e mais integral. [...] a estrutura

específica das linguagens usadas no ateliê (visual, musical e outras) costura emoções e empatia com racionalidade e cognição de um modo natural e inseparável. Essa costura, por sua vez, favorece a construção da imaginação e uma abordagem mais rica à realidade, além de poder contribuir para a formação de uma perspectiva mais ampla e mais articulada em relação à aprendizagem. [...] Acima de tudo, o ateliê traz a intensidade e alegria do inesperado e do incomum para o processo de aprendizagem; ele sustenta uma mudança conceitual que vem de se enxergar a realidade cotidiana por intermédio de uma lente poética. (Vecchi, apud GANDINI et al, 2012, p.14-15)

Em seu depoimento para Gandini (2016), a atelierista Veia Vecchi afirma que está convencida de que incluir um atelier na escola pode tornar o processo educacional e a experiência de aprendizagem das crianças mais completos e integrados.

A atelierista ainda fala que para o atelier cumprir seu papel com eficácia hoje, é necessário trabalhar em quatro áreas:

Primeiro precisamos considerar que o mundo das artes tem a função de estimular; ele sugere novos conceitos a explorar e elaborar, oferecendo visões poéticas e não conformistas, além de interpretações não convencionais da realidade. [...] garantir que as crianças e os jovens continuem sendo os protagonistas de seus itinerários pessoais. [...] Segundo, precisamos tornar evidente e visível, por meio da observação e da documentação, a união vital entre os métodos cognitivos e imaginativos do saber. [...] Terceiro, precisamos prestar mais atenção aos processos de aprendizagem com as mídias digitais, um assunto ainda pouco explorado com as crianças. [...] O quarto e último aspecto a considerar é o relacionamento das escolas com a cidade. É uma relação que a estrutura comunicativa do atelier pode apoiar bastante ao estabelecer contextos de diálogo, visibilidade e conhecimento sobre a cultura das crianças pequenas e em idade escolar. (GANDINI, 2016, p.305)

Vecchi (GANDINI, 2016,p.307) afirma que a presença do atelier nas escolas é visto como um meio de proteger a complexidade dos processos de construção de conhecimento com o objetivo de usar a imaginação como elemento unificador para as diferentes atividades e de ver o “conhecimento estético”⁵ como um motivador que está enraizado dentro de nós e nos leva a optar entre padrões de pensamento e entre imagens visuais.

O tempo, a espera, a escuta com a criança, faz-se presente na afirmação de Vecchi:

⁵ Loris Malaguzzi falava sobre vibração estética

Hoje, o que nós fazemos é dar às crianças mais tempo para processar essas variações e mais escolhas quanto a que meios expressivos utilizar. [...] Para nos beneficiarmos plenamente das oportunidades, precisamos garantir que os nossos sentidos, a nossa curiosidade, as nossas expectativas e os nossos interesses sejam mantidos constantemente vivos. (GANDINI, 2016,p.312 e 313)

4 Atelierista, espaços e materiais.

Impossível falar de ateliê sem falar do atelierista⁶. Papel este fundamental na pedagogia italiana. Gandini (2012) em entrevista com a professora Lucia Colla, busca entender a relação do atelierista com as creches.

“Aprendemos com os atelieristas a ser mais rigorosas na maneira como preparamos experiências com as crianças e na maneira como observamos e fazemos pesquisa. Tornamo-nos mais refinadas na busca e seleção de materiais. Criamos situações mais ricas e mais interessantes para as crianças e para nós, e essas experiências e projetos tendem a gerar novo aprendizado e crescimento.” (GANDINI, 2012, p.83).

A professora Lucia Colla (Gandini, 2012) afirma ainda que ‘quanto mais atenção tivermos em nossas escolhas sobre os materiais e o espaço, mais evidentes serão a seriedade e a beleza das investigações que as crianças fazem.

Em entrevista a Gandini (2012), a atelierista Mara Davoli fala da importância em “[...] não separar linguagens e a não separar a aprendizagem que ocorre no ateliê da que ocorre na sala de aula, mesmo à medida que

⁶ O termo *atelierista* refere-se ao profissional, geralmente com formação em escola de arte, que atua como organizador, intérprete, co-organizador e colaborador do trabalho realizado pelos professores com as crianças nas escolas de educação infantil, potencializando as múltiplas e infinitas possibilidades de expressão das linguagens através da interação e exploração de diferentes materiais “[...] normalmente num ateliê (oficina) [...] onde apoiam, ajudam a desenvolver as linguagens visuais de adultos e crianças, como parte de um complexo processo de construção do conhecimento.” (RINALDI, 2012, p. 12). O atelierista também realiza os registros, as documentações das experiências e percursos de aprendizagem das crianças.

construímos uma variedade de projetos conectados com diversos temas e experiências.”.

Margie Cooper⁷, no capítulo 16 da 2ª edição do livro ‘As cem linguagens da criança’ complementa ainda:

[...] Uma interpretação mais forte do papel do atelier é interpretá-lo como um ambiente de pesquisa rico e bem mobiliado, e o atelierista como um pesquisador atencioso e hábil das formas com que crianças e adultos sabem quem, ao mesmo tempo, permanece um companheiro divertido e amável em experiências recorrentes com crianças, famílias e colegas. (GANDINI, 2016, p.295)

Pensar no ateliê implica também em pensarmos em seu espaço e nos materiais que nele são oferecidos. Será que precisa ter um espaço estabelecido dentro da escola para o ateliê? Que materiais podemos oferecer às crianças? De que forma proporcionaremos esses recursos?

O atelierista Giovanni Piazza⁸, em entrevista a Lella Gandini explica que:

Investigar e descobrir como um determinado material se apresenta e é transformado ajuda a criança a adquirir conhecimento sobre o material em si – sobre a textura, forma, configuração, cor e a aparência externa e interna. A criança aprende gradualmente que o material pode ser usado de muitas maneiras diferentes. Elas adquirem um grande aspecto de conhecimento sobre os materiais, e isso lhes dá a chance de usar diferentes alfabetos em seu processo individual de representação e dar formas às suas próprias ideias. (GANDINI, 2012, p.29)

Rodrigo Saballa⁹ afirma que devemos enxergar a criança como um estrangeiro, que tudo o que ela fizer será pela primeira vez. As coisas mais simples e banais, como amassar um papel ou mesmo rasgá-lo, tocar na tinta, na argila, sentir as diferentes texturas, aromas e sons... Tudo é novidade. Piazza evidencia esta afirmação:

⁷ Presidente, Inspired Practices in Early Education, Inc., Roswell, Geogia

⁸ Trabalha há mais de 32 anos na Escola La Villetta.

⁹ Pós-doutor em Educação. Relato na formação na 2ª Jornada de Educação Infantil: Pedagogia do Cotidiano, ocorrido dia 29/08/2015 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

[...] As primeiras explorações e investigações das crianças sobre as qualidades e características dos materiais ocorrem nas creches. (GANDINI, 2012, p.30)

O atelierista complementa: “Observar e ouvir a criança cuidadosamente nos ajuda a entender as maneiras que as crianças desenvolvem de aprender com os materiais, para que possamos ajudá-las”. (Gandini, 2012, p.30)

O atelierista Charles Schwall, em seu capítulo (Gandini, 2012) titulado ‘O ambiente e os materiais do ateliê’ conta que ‘ o ateliê da Escola St. Michael foi criado em 1994 para oferecer às crianças e aos professores um espaço para ampliar e apoiar projetos e experiências da sala de aula e para explorar e combinar vários tipos de materiais, instrumentos e técnicas. ’. Em relação ao espaço do ateliê ele complementa:

[...] Aprendemos a desacelerar e deixar que os acontecimentos e situações influenciem a maneira em que os nossos espaços, incluindo o ateliê, são usados. Quando as crianças vivem em um espaço, elas se apropriam dele, o vivenciam e encontram seu lugar dentro dele. As conexões que acontecem entre o tempo e o espaço ocorrem por meio dos ritmos da vida cotidiana, conexões com acontecimentos passados e novas experiências que se voltam para o futuro. (GANDINI, 2012, p.31)

O ateliê é uma oficina para as ideias das crianças, que se manifestam pelo uso de muitos materiais, afirma Schwall. O atelierista complementa que as crianças apresentam uma receptividade inata às possibilidades que os materiais oferecem e interagem com eles para criar significados e relações, explorar e comunicar. (GANDINI, 2012, p.32).

Podemos viajar mentalmente em um ateliê, imaginando suas cores, formas cheios de significado e com propósitos, com a descrição de Schwall:

[...] um local multissensorial que convida a interações, envolvendo a mente, as mãos, a imaginação e os sentidos. É um ambiente que oferece às crianças materiais, instrumentos e técnicas de qualidade que se traduzem em numerosas possibilidades para experiências. Acreditamos que esses elementos do ambiente conferem dignidade e respeito às experiências das crianças e desempenham um papel crucial em sua educação. [...] O inventário de materiais e linguagens

disponíveis em nosso ateliê está sempre mudando e evoluindo, nunca estático. (GANDINI, 2012, p.35)

Os materiais para o ateliê são inacabados, naturais, recicláveis na sua grande maioria. Podemos nos inspirar com o inventário de materiais e coleções do ateliê da escola de Schwall:

[...] Uma estande de metal, localizada no centro do ateliê. Define o espaço. Elas estão cheias com uma variedade de materiais interessantes em potes abertos, cestas e bandejas. Essas coleções como flores, palitos, conchas, folhas, tiras de papel dobrado e pequenos objetos de madeira e metal, [...] uma cesta contém muitos tipos de fios, com arame, fio de cobre fino e fios de telefone ou computador. (GANDINI, 2012, p.37)

Instrumentos para representação gráfica também podem e devem fazer parte dos materiais do ateliê, como canetinhas variadas, canetas, lápis, diversos tamanhos e espessuras de giz, pastéis a óleo. Papéis variados tanto em tamanhos quanto em cores também fazem parte deste espaço. Podem-se incluir materiais de pintura, instrumentos de cerâmica, modelagem, argila... Objetos recicláveis, como tampinhas, anéis de lata, conchas, fios, palitos... Cavaletes e mesa de luz também são ótimos instrumentos de criação e imaginação. Todo material, por mais simples que seja, pode ser utilizado pela criança para uma incrível e doce criação. Schwall (apud Gandini, 2012) ao descrever as reações e as criações das crianças no ateliê acrescenta que:

Loris Malaguzzi disse que as crianças são os melhores avaliadores e os juízes mais sensíveis dos valores e da utilidade da criatividade. Ele continuou esse pensamento, explicando que as crianças analisam e mudam seus pontos de vista com facilidade, e que seus atos criativos advêm e são parte da vida cotidiana. (Malaguzzi, 1998). Disse também que “nossa tarefa é ajudar as crianças a escalar suas próprias montanhas, o mais alto possível.”. (GANDINI, 2012, pg.46)

5 Considerações finais

A proposta de Reggio me inquieta e me motiva cada vez mais. Sabe-se da diferença de caminhada na área da educação infantil, o quanto foi estudado, planejado e ainda é. As diferenças de investimento e até mesmo de crença na educação. São diversos fatores que fica inviável compararmos com a nossa realidade aqui do Brasil. Gandini (2012) afirma que: “ [...] essencialmente, devemos criar o nosso próprio significado com as crianças da nossa cultura.”

Mas acredito que sim, é possível pensarmos em um ateliê nas escolas de educação infantil. Por que não? Pensando em uma realidade escolar, com um grupo comprometido com a infância, que trabalha unido e corre atrás dos seus sonhos e ideais, sim. Já dizia o poeta Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Pensar no ateliê em diversos espaços da escola, não somente em uma sala em específico, porque não em todas? No pátio, nas áreas externas. Espaços que convidem a criar, a produzir... Destaco a frase: “[...] todo o ambiente escolar nas creches e nas pré-escolas de Reggio é positivamente influenciado pela presença do atelier” (GANDINI, 2016, P.296). Ou seja, o ateliê se esparramando pela escola, percorrendo todos os espaços, os cantinhos esquecidos, como me ensinava a Professora Marita Martins Redin, grande pesquisadora, razão da minha curiosidade e paixão com o ateliê e os princípios e ensinamentos do pedagogo Malaguzzi. Complementando ainda a ideia de a escola inteira ser ateliê:

[...] Considerando o ateliê uma metáfora, gostaria de dizer (e não sou a única) que a escola inteira tem que ser um grande ateliê, onde crianças e adultos encontram suas vozes em uma escola que se transforma em um grande laboratório de pesquisa e reflexão[...] (GANDINI, 2012, p.191).

Devemos pensar na escola como um lugar potente, de criatividade e imaginação. Nessa perspectiva, Ashley reafirma isso, ecoando o filósofo italiano Aldo Massulo: “as escolas devem ser ambientes que cultivem a criatividade e a cooperação, a invenção e a inovação, e a investigação”. (Gandini, 2012, p.195). Complementando a ideia da criatividade,

[...] É por isso que o ateliê deve promover e garantir todos os processos criativos que possam ocorrer em qualquer lugar da escola, em casa e na sociedade.[...]Teremos uma criança competente e criativa se houver um adulto competente e criativo.

E para finalizar, gostaria de deixar registrado uma reflexão do psicólogo norte-americano Howard Gardner, ao refletir sobre a experiência de Reggio Emília:

Como educador norte-americano, não posso deixar de me sentir afetado por alguns paradoxos. Nos Estados Unidos, temos orgulho de nos focarmos nas crianças, mas mesmo assim não prestamos atenção suficiente àquilo que elas realmente expressam. Reivindicamos aprendizado cooperativo entre as crianças, mas raramente sustentamos qualquer tipo de cooperação entre educadores e administradores. **Invocamos trabalhos artísticos, mas quase nunca criamos ambientes que possam realmente abraçá-los e inspirá-los.** Apelamos ao envolvimento dos pais, mas abominamos repartir com eles a propriedade, a responsabilidade e os créditos. Reconhecemos a necessidade da comunidade, mas com frequência nos cristalizamos rapidamente em interesses de grupos. Elogiamos o método das descobertas, mas não temos confiança em deixar as crianças seguirem os próprios instintos. Convocamos o debate, mas sempre o recusamos; convidamos a ouvir, mas preferimos falar; somos afluentes, mas não salvaguardamos os recursos que possam nos conservar assim e também permitir a afluência dos outros. Reggio é muito instrutiva nesses aspectos. Enquanto ficamos apenas recorrendo aos bordões, os educadores de Reggio trabalham sem cansar para resolver muitas dessas questões que são fundamentais – e fundamentalmente difíceis. – (Gardner 1999). (RINALDI, 2014, p.23). [grifo meu]

Levarei as palavras de Gardner ao longo da minha trajetória. É impressionante a verdade com que ele se refere. Que possamos ser a mudança que tanto queremos!

E esta pesquisa, a minha inquietação em relação ao ateliê está apenas começando. Pois há muito que estudar e pesquisar. Espero ao longo da minha caminhada pedagógica encontrar parcerias para profundarmos e praticarmos todo o conhecimento e as inquietações acerca da infância, da criatividade, das cem linguagens da criança.

6 Referências

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Org.). **As cem linguagens da criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. v. 2.

GANDINI, Lella et. al. **O papel do ateliê na educação infantil**: a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2012.

HOYUELOS, Alfredo. **La estética em El pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi**. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2006. (Tradução livre: Marita Martins Redin)

MEIRA, Marly. **Arte-Educação: subjetividade, sociedade e política** In: CUNHA, Susana Vieira Rangel. Anais do Simpósio Estadual de Arte-Educação: Arte-Educação e a construção do cotidiano. Porto Alegre: URCAMP / FAPERGS, 1995.

RABITTI, Giordana. **À procura da dimensão perdida**: uma escola de infância de Reggio Emilia. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

<http://catadoresdaculturainfantil.blogspot.com.br/2015/07/seducao-estetica.html>